

ARTIGO 22.05.2020

# RE-MADE IN BRAZIL

JOSÉ ROBERTO AFONSO\*

O mesmo Covid-19 que fez o Brasil mergulhar em uma crise econômica e social sem precedentes, paradoxalmente, também abriu oportunidades singulares para a *reconstrução* do País.

Não há porque buscar a *recuperação*, em si. A vida pessoal não voltará a ser a mesma de antes do vírus. A economia brasileira já amargava baixo crescimento e descontrole fiscal, dentre outros problemas. A pandemia escancarou problemas estruturais já postos mas adiados ou mesmo ignorados. É o caso, por exemplo, da desproteção social decorrente da explosão do trabalho independente – na véspera da crise, dos trabalhadores ocupados, 37,5% tinham carteira assinada no setor privado e 30,7% eram donos de negócios, ou seja, sem-emprego, sem-previdência e até

sem-estado (tanto que, com a Covid-19, se precisou criar um auxílio emergencial e temporário). Questões graves e complexas, que se deixaria para anos ou gerações futuras resolverem, agora terão que ser equacionadas em pouco tempo.

O protagonismo do Congresso Nacional, entre os poderes, e dos Governadores e Prefeitos, entre níveis do governo, ruboraram a cena política nacional ao eclodir a calamidade sanitária. São duas vantagens importantes para se tirar proveito na direção de transformações estruturais no Brasil. Aquele parlamento aprovou planos e atos legais rapidamente, no início de fevereiro, antes de ser apurado o primeiro caso de contaminação. Continuou a funcionar por teletrabalho e tomou a iniciativa de relevantes propostas legislativas, inclusive aprovou em poucas semanas uma emenda constitucional (talvez caso único no mundo) para criar o “orçamento de guerra” – um regime fiscal extraordinário para finanças públicas. Já os governos estaduais e municipais assumiram a liderança nas ações de saúde e de ordem pública, sobretudo porque executavam diretamente 95% do gasto público nacional com assistência hospitalar e ambulatorial, assim como eram decisivos para segurar a demanda da economia ao responderem por cerca de 80% de todas compras governamentais de bens e serviços, para custeio e para investimento.

Diante do colapso da saúde e, por conseguinte, da economia e da saúde, se tornou imperioso o Brasil adotar uma estratégia de reconstrução, como a que se seguiram as grandes guerras mundiais. Há de se resgatar o antigo mas bem sucedido planejamento governamental e a expertise profissional privada de rápida adaptação e forte criatividade. É possível apontar ao menos quatro grandes desafios e objetivos para um plano nacional de reconstrução, sendo três anteriores a Covid-19 mas este agora exige uma solução imediata e definitiva.



FOTO: Marcello Casal Jr. / Agência Brasil

**ZAHLEN ZU BRASILIEN**

1970 bis heute verzeichnet hat die Fläche 3,6 Millionen km². Das ist ein Drittel mehr als die Fläche Deutschlands und damit die Fläche eines Westeuropas mit 12 Millionen km². Die Fläche beträgt ein Fünftel der Weltfläche. Die Fläche beträgt ein Fünftel der Weltfläche. Die Fläche beträgt ein Fünftel der Weltfläche.

**WIRTSCHAFT**

**Re-Made in Brazil**

Die Welt Covid-19, der Brasilien in eine wirtschaftliche und soziale Krise überführt, gerät für ein Land wieder aufzuatmen.

**JOSE ROBERTO AFONSO**

Das geht es nicht um hohe Wachstumsraten. Das persönliche und gesellschaftliche Leben wird nicht anders sein als vor dem Virus. Die brasilianische Volkswirtschaft ist von einer Krise ergriffen, die die Wirtschaft in die Krise drückt. Die Pandemie deckt strukturelle Probleme auf, die sich schon seit Jahren im Land zeigen. Das ist der Fall der ungenutzten sozialen Ressourcen, die von ungenutzten Ressourcen abhängen. Das ist der Fall der ungenutzten sozialen Ressourcen, die von ungenutzten Ressourcen abhängen.

**SPUREN DES UNRECHTS**

Die Spuren des Unrechts sind in den Zahlen zu sehen. Die Spuren des Unrechts sind in den Zahlen zu sehen. Die Spuren des Unrechts sind in den Zahlen zu sehen.

**18,8** Prozent der Bevölkerung sind ohne soziale Sicherung.

**27,2** Prozent der Bevölkerung sind ohne soziale Sicherung.

**1,5** Prozent der Bevölkerung sind ohne soziale Sicherung.

**12,2** Prozent der Bevölkerung sind ohne soziale Sicherung.

Primeiro, a digitalização da economia já era uma tendência inexorável. Não se trata mais tão somente de colocar robôs nas fábricas, mas de automatizar radicalmente os serviços, privados e também públicos. A pandemia forçou novos hábitos de trabalho, em casa, e de consumo, pelo comércio eletrônico, que em muito persistiram mesmo depois de vencidas. A antiga e profunda deterioração das contas públicas do País, que não mais se poderá resolver aumentando carga tributária em meio a longa recessão, também exigirá uma digitalização profunda das ações públicas, para se fazer mais com menos recursos. Políticas de fomento, de financiamento e até compras públicas deverão promover ações rumo a revolução digital, inclusive como forma de retomar a economia.

Segundo, a proteção social foi definitivamente abalada pela explosão incomensurável do desemprego disparada pela pandemia. Só agravou a tendência já em curso a destruição de postos de trabalho pela automação e, sobretudo, as novas relações decorrentes do trabalho independente, preferência dos mais jovens. A Covid-19 permitiu escancarar de imediato, com a imediata perda de trabalho e de renda e sem direito ao seguro-desemprego, que não teriam renda, alguma ou suficiente, quando envelhecessem sem acesso a previdência pública ou tendo formado uma previdência privada suficiente. Brasil aprovou uma reforma previdenciária mas agora será preciso reinventar o conceito de seguridade, para que seu custeio não se baseie apenas na folha salarial e para estimular uma autêntica poupança previdenciária, estimulando e protegendo quem poupa para o futuro.

Terceiro, os investimentos públicos em saúde são uma óbvia exigência social e também podem servir para multiplicar renda e economia – o setor respondia por 7,6% do valor adicionado, 7,1% dos postos de trabalho e 9,6% da remuneração. Uma vantagem era já ter um sistema único e nacional (chamado SUS), dos maiores do mundo, porém, a custo de baixos aportes estatais. À emergência em investir e fortalecer a rede hospitalar, a proteção contra epidemias e a vigilância sanitária, deve se seguir uma solução definitiva para saneamento, antiga e grave deficiência que poderia ser atendida por investimentos privados.

Quarto, a regionalização da produção mundial foi a grande novidade que emergiu com a pandemia da Covid-19 e marca a mudança mais radical na globalização produtiva, dada a extrema concentração na fabricação de insumos hospitalares em uma única nação. Empresas revisarão suas cadeias produtivas e comerciais e os governos adotarão políticas modernas de substituição de importações, pois não se poderá repetir o erro da excessiva dependência. Isto abrirá uma oportunidade ímpar para o Brasil como bem sintetiza os rankings de competitividade do Fórum Econômico Mundial: aparece na oitava posição de PIB e no décimo de tamanho de mercado (aliás, desempenho tão bom que não se repete entre dezenas de indicadores e pilares).

Enfim, sem negar a tragédia que se abateu sobre o Brasil por conta da Covid-19, é forçoso reconhecer que abriu oportunidades para se reconstruir sua economia e sua sociedade, com mais digitalização da economia, regionalização produtiva, investimentos sociais e proteção social. Ao estourar a crise, a rápida e intensa iniciativa parlamentar e a ação descentralizada dos governos na saúde e na ordem pública criaram novas condições favoráveis para se avançar em reformas institucionais. Está nas mãos dos brasileiros adotar e implantar um plano estratégico que lhe permita a re-construção da Nação.

\*Economista, pós-doutor, professor, consultor independente  
e colaborador da FGV Europe